

BOLEO, Manuel de Paiva — “Linguistique, géographie et unités dialectales subjectives au Portugal” *Actes du XII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanique*, vol. II. Bucareste, Académie de la République de Roumanie, 1971.

Em 1942 tem início a aplicação, por correspondência, através de professores e párocos, do Inquérito Lingüístico Boleo (I.L.B.), com cerca de 500 perguntas. Posteriormente, partiu-se para pesquisas *in loco* por intermédio de alunos e ex-alunos da Faculdade de Letras de Coimbra. Na atualidade os pontos já levantados são em número aproximado de 3000, abrangendo “Portugal continental” e “ilhas adjacentes”

Ao trabalho de gabinete, estudo e interpretação dos questionários recolhidos, seguiram-se investigações de campo, por parte dos professores Paiva Boleo e Maria Helena Santos Paiva, levadas a cabo nas províncias da Beira Baixa, Beira Alta, Beira Litoral, Baixo Alentejo, Algarve e Minho. Os autores tiveram em conta especialmente os seguintes aspectos: “a) vocalismo, b) consonantismo, c) ditongos, d) acento, e) morfologia (genero, formação do plural, verbos, f) sintaxe, g) vocabulário, h) fenômenos fonéticos”.

No trabalho agora resenhado o autor retoma, de certo modo, as considerações de Orlando Ribeiro:

“() Em um conceito muitas vezes tenho insistido: o do entrelaçamento profundo de condições naturais e de tradições de civilização. Se é a história que revela as vocações dos lugares, é a terra que, através do tempo, faz sentir a sua persistente influência. Os mapas de Lindley Cintra (1) desenham não apenas a oposição entre o Norte e o Sul — já apontada por vários autores — mas oposição entre o litoral e interior, que se combinam para dar a muitos aspectos da geografia portuguesa um traçado de viés. Os padrões lingüísticos também se ajustam a outros aspectos naturais e humanos, todos eles indispensáveis à compreensão do território português” (2).

(1) — Referência a mapas que acompanham o estudo “Áreas lexicais no território português”, *Boletim de Filologia*, Lisboa, XX (3-4): 273-307.

(2) — “A propósito de áreas lexicais no território português” *Boletim de Filologia*, Lisboa, XXI (3-4): 177-208, 1965.

Também não deixa de levar em conta os estudos realizados no Japão, pela equipe integrada por Willem A. Grootaers (3), sobre as fronteiras dialetais subjetivas, para cujo estabelecimento elaborou um curto questionário: a) em que aldeia fala-se como aqui?, b) em que aldeia fala-se de forma ligeiramente diferente daqui?, c) em que aldeia fala-se de forma bem diferente daqui?, d) em que aldeia fala-se de forma tão diferente daqui que é impossível a compreensão?, Quais são as diferenças?

Antes de se ocupar com aspectos lingüísticos em particular, Paiva Boleo cuidou, de um modo geral, de aquilatar da consciência de “região” ou “sub-região” do falante, muito mais viva que consciência de região. Diversas designações que não figuram na divisão administrativa oficial surgem individualizando determinada área. Gândara, toda a sub-região compreendida entre o Vale do Mondego, ao sul, a Baixada à Leste, a via do Aveiro ao norte e o mar a oeste, é um significativo exemplo.

Em termos estritos de consciência lingüística, o autor encontrou, em resposta às suas indagações, palavras e expressões que, mesmo contendo algo de genérico, apresentam muito interesse e fornecem elementos de valor para uma “carta psicológica” Entre outras: “aproximação”, por ex. “próximo do minhoto”, “próximo do falar do Porto”; “inclinação”, equivalente “a aproximação”, por ex. “inclinando-se para o minhoto”; “nós falamos como. ”; “não há dialeto nem falar local”; “nós estamos no limite, nós já pertencemos ao Minho”

As zonas de transição entre um falar e outro — por exemplo do minhoto oriental ao transmontano — são as que mais interesse oferecem ao dialetólogo, seja porque ali se pode encontrar uma certa hesitação, seja porque se superpõem, nitidamente, duas consciências de províncias, seja porque elas apresentam caracteres comuns que merecem ser estudados.

Após afirmar que em Portugal não teria servido indagar “em que localidades próximas daqui se usa um dialeto diferente do seu? e “onde se fala um dialeto completamente diferente do seu?” (questões contidas no inquérito da Comissão Dialetal da Academia de Ciências de Amsterdão), Paiva Boleo termina por ponderar: os dialetólogos tem à frente novo campo para pesquisas, de enfoque lingüístico e sociológico ao mesmo tempo: é o das unidades dialetais subjetivas, que, freqüentemente, lhes indicarão caminhos assaz interessantes.

(3) — “Origin and nature of the boundaries of dialectes”, *Orbis*, Louvain, VIII (2): 355-384, 1959, e “La discussion autour des frontieres dialectales subjectives”, *Orbis*, XIII (2): 380-398, 1964.

Ao final repete com o Prof. Tôjô: “Il est clair que la conscience linguistique des unités dialectales ne correspond pas toujours à des distinctions objectives existant encore à l’heure actuelle. Cette conscience peut refléter un sentiment commun plus ancien. En tout cas, il ne fait pas de doute que comme point de départ de l’étude des dialectes, ou même comme contribution à la dialectologie historique, la conscience dialectale ne rende des services, même si à la suite de la découverte de faisceaux d’isoglosses, on devra plus tarde la rectifier”

Erasmio d'Almeida Magalhães